

WILL DURANT

Almir de Oliveira

No obituário comum de um jornal carioca, sem nenhum relevo e apenas com o clichê esmaecido da fotografia de Will Durant, li a notícia de seu falecimento em Los Angeles, no dia 10 de novembro do ano passado.

Historiador e filósofo, mais historiador que filósofo, Will Durant teve alguma projeção no Brasil a partir de quando aqui se publicou sua **História da Filosofia**, traduzida por Godofredo Rangel e Monteiro Lobato. Numa época em que nos escasseavam livros desse gênero, em português, usei-o, juntamente com o **Manual de Filosofia**, de D. Ludgero Jaspers, para meu quinto ano de ginásio e, depois, para o vestibular de Direito. Marcado por um estilo leve e bem-humorado, aquele livro de Will Durant recebeu muita censura, por ter omitido alguns filósofos do porte de Santo Tomás de Aquino. Para compensar isso, ele escreveu depois **Os Grandes Pensadores**, aqui traduzido por Monteiro Lobato, que lhe traduziu, igualmente, **Filosofia da Vida**. Aqui também se publicou sua **História da Civilização** até o volume que vai encerrar a época de Luís XIV.

Descendente de franceses, entrou para o seminário católico de Nova Jersey, de onde saiu, com a fé enfraquecida, para lecionar e fazer jornalismo. Voltou ao seminário para uma segunda tentativa e acabou excomungado por suas posições tidas como heréticas, e voltou à vida laica para lecionar. Casou-se com Ida Kaufmann, a quem chamava Ariel, por influência do personagem desse nome no drama **A Tempestade**, de Shakespeare, expressão de elevação e pureza. Ariel falecera em outubro e Will não chegou a saber disto. Fora sua colaboradora durante toda a vida, desde quando com ele se casara aos 15 anos.

Will Durant acreditava na força das idéias como propulsora da civilização. Ele o afirma claramente no prefácio de **Os Grandes Pensadores**: “Os mais poderosos fatores da história são as idéias. Não necessitamos fazer muito esforço para compreender que, hoje, são as idéias — invenções, religiões, filosofias, formas de pensamento falado ou escrito e formas de governo, ideais do indivíduo e da vida nacional — que movem os homens nas crises dos negócios internacionais.” E cita as influências de Nietzsche em Hitler e Mussolini, de Karl Marx na revolução russa, de Spengler na elaboração de diretrizes de estadistas europeus, de Flaubert na literatura ocidental. Confessa-se Carlyleano e refuta os juízos de Wells a respeito de César e Napoleão. Fascinavam-no os grandes homens, sobretudo os do pensamento. Disse: “Numa idade que nivela tudo e nada re-

verencia, ponho-me ao lado de Carlyle e acendo minhas velas, como Pico della Mirandola diante da imagem de Platão, no santuário dos grandes homens”.

As atuais concepções da História não aprovam a posição de Will Durant. Há forças outras, que não apenas as das idéias, que influem na elaboração da história da humanidade. Mas, é impossível negar a força das idéias como um desses fatores. Talvez possamos conciliar essas posições extremadas, dizendo que as idéias aparecem como o elemento informador dos grandes impulsos sociais, ou como seu elemento orientador. Elas não surgem do vazio e não atuam no vazio. Quando aparecem, algo de concreto está presente a justificá-las. Se não houver entre as idéias e os fatos alguma relação, elas não atuarão. E eles serão o caos.

Outra posição de Will Durant, que produz mal-estar hoje está nestas palavras: “O dogma democrático nivelou não somente todos os eleitores como todos os líderes; deleitamo-nos em demonstrar que os gênios vivos não passam de mediocridades e que os gênios mortos não passam de mitos”.

Para ele, a história não é “o doloroso palco da política e das carnificinas, mas da luta do homem guiado pelo gênio contra a inércia da matéria e o escorregadio segredo do espírito; luta para compreender, para dominar e para refazer-nos e ao mundo”. Por isto, sua **História da Civilização** deu mais atenção às realizações do espírito no terreno das artes, da filosofia, da literatura e das ciências, que aos eventos militares, econômicos e políticos.

Will Durant foi um escritor bem sucedido. Teve suas obras traduzidas nas principais línguas do mundo civilizado e recebeu o Prêmio Pulitzer de 1968, para obras de não-ficção, com o livro **Rousseau and Revolution**, não traduzido no Brasil. Morreu velhinho, com 96 anos. Aos 90, publicou o último volume da **História da Civilização**. Aos 92, uma biografia conjunta, sua e de sua mulher, com quem viveu uma grande vida de íntima colaboração no Plano intelectual e de muito amor.